

EXPERIÊNCIAS EXTRAORDINÁRIAS

Chegamos à quinta edição de *Ao Largo*. A cada número, a alegria de publicar textos que nos instigam e nos lançam no terreno incerto e irresistível do pensamento é renovada. Este número traz uma explosão de vozes – implícitas e explícitas – que se expressam em diversas línguas e que conversam sobre temas universais, como as questões do nome próprio, do lugar extraordinário, do luto impossível.

O primeiro texto de Fernand Deligny – *O homem sem convicções* – é inédito e vem a público em uma versão para o português de Marlon Miguel. Deligny reflete sobre o que seria carregar um nome próprio e de que maneira o nome define ou é definido por alguém. Como sustentar um nome e não se aferrar a convicções? Através de uma escrita densa e extremamente poética, Deligny nos faz pensar sobre o sentido de possuímos desde sempre a convicção do nome próprio. “Eu escrevo meu nome, nome balão que se mantém em suspenso devido às convicções dos outros. De onde o fato que me parece não mais haver nem convicções, nem nome próprio.”

O artigo de Marina Vidal-Naquet, também vertido para o português por Marlon Miguel, pretende iluminar o pensamento de Deligny a partir do contexto em que foi escrito: Cevenas, local no sul da França onde Deligny criou um centro de convivência com crianças autistas. Sob o impacto da experiência entre o que seria o fora e o dentro da linguagem, Marina aprofunda o pensamento de Deligny em torno do humano, da humanidade, de um ponto de vista em que a convicção do nome próprio é abalada.

Escrito na ponta da lágrima, o belíssimo artigo de Maria Continentino é uma homenagem à amiga e professora Claudia Castro, falecida em 2010. Baseado no pensamento de Jacques Derrida sobre a morte e o luto impossível, Maria discorre sobre a amizade e sobre a responsabilidade que todo verdadeiro amigo possui para o resto da vida. Para Derrida, nas palavras de Maria, “toda relação de amizade é marcada por uma certa melancolia que se baseia na

certeza de que um dos dois morrerá antes e que caberá ao sobrevivente carregar um diálogo com o outro, que já não responde mais”.

O artigo de Gabriel Cabello, publicado no original, em espanhol, nos obriga a encarnar, como leitor, a perspectiva de um *flâneur* pelas ruas de Paris. A partir do poema *As velhinhas (Les petites vieilles)*, de Baudelaire, o leitor é levado pelos versos e pela maneira como Cabello desenrola a sua reflexão – muito próxima tanto do poema quanto de Benjamin – a uma zona estreita onde só temos tempo de retomar o fôlego para prosseguir repensando o que seria a modernidade e o heroísmo moderno inaugurados por Baudelaire. “A alegoria é a armadura do moderno” na visão de Benjamin que segundo Cabello é o próprio *ventríloco* de Baudelaire. Cabello nos apresenta a maneira como a operação alegórica, baseada em uma ruptura da continuidade entre a experiência sensível e o sentido, supõe em Baudelaire uma estratégia necessária à visualização do heroísmo invisível.

Tomás Prado, por sua vez, nos relata a sua experiência como professor de filosofia no Pró-Saber e como essa experiência reverbera em sua vida hoje. Refletindo sobre o que seria um lugar extraordinário, Tomás faz um percurso pela tradição filosófica e retoma os conceitos de tempo e espaço, de utopia e distopia, para pensar a articulação entre educação e filosofia. “Hoje me parece relevante acrescentar que, junto às estruturas subjetivas e às experiências extraordinárias, devemos dar muita atenção ao extraordinário presente nos espaços que construímos e nos lugares que penetramos ou atravessamos.”

Para fechar essa edição, na seção Poesia, temos o prazer de publicar três poemas de José Almino, sociólogo e poeta; autor de “Maneira de dizer”, poesia (Ed. Brasiliense); “Estrela Fria”, poesia (Companhia das Letras); “O motor da luz”, novela (Editora 34) e “Uns e outros”, ensaios (Nau Editora). Um dos poemas é inédito e reitera a grandeza desse poeta que vive e trabalha no Rio de Janeiro.